

A Espiral PPA, Ana Z. e o PB

COLASANTI, Marina. *Ana Z. Aonde vai você?* São Paulo: Ática, 1994.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) afirma em seu relatório *Situação Mundial da Infância 1994* que, com a proximidade do século XXI, a maior parte dos países em desenvolvimento está ameaçada pela Espiral PPA: pobreza, população e ambiente. São problemas complementares, que não devem ser encarados isoladamente.

O relatório apresenta dados que merecem ser pensados e meditados por todos nós todos os dias:

1. A pobreza absoluta de aproximadamente um quinto da população do mundo;
2. Uma taxa de crescimento populacional que, a julgar pelas tendências atuais, quadruplicará o número de pobres da próxima geração;
3. Um padrão de consumo e poluição nos países industrializados que resultará em grandes danos à biosfera.

Temos aí a Espiral PPA. A espiral descendente é impulsionada pela pobreza, que leva a um rápido crescimento populacional. Famílias numerosas são consideradas necessárias quando as condições de saúde são precárias e muitas crianças morrem; quando os filhos representam a única proteção na doença e na velhice; quando as pessoas precisam dos filhos para ajudá-las na casa ou no campo, e quando as mulheres são pouco instruídas ou não têm oportunidades. Nesse caso, o crescimento populacional torna-se a causa da pobreza contínua. Os lotes de terras são divididos entre muitos filhos. As taxas de desemprego sobem, os salários permanecem baixos. Os pais têm menos recursos para gastar com a saúde, a alimentação e a educação de seus filhos. Os serviços de saúde e educação entram em colapso.

A pobreza torna as cidades violentas e inabitáveis. E destrói o solo através de um uso errado. Os

solos vêm sofrendo erosão, as encostas vêm sofrendo deslizamentos, e os meios de subsistência vêm sendo varridos ao longo dos sopés de Himalaia, das encostas dos Andes, das áreas de desastres ambientais do Haiti e da República Dominicana, dos planaltos centrais da América Central, e dos planaltos da Etiópia. No total, afirma o relatório do Unicef, há atualmente cerca de 500 milhões de pessoas vivendo e cultivando em encostas sujeitas a grave erosão do solo. Desse modo, a pobreza e o crescimento populacional somam-se ao desgaste ambiental e agravam ainda mais a situação de pobreza.

Para reverter a Espiral PPA, o Unicef propõe: superar as doenças principais; reduzir drasticamente as mortes infantis; garantir todas as comunidades o abastecimento de água limpa; oferecer, pelo menos, educação básica para todas as crianças; tornar o planejamento familiar acessível a todos.

O relatório conclui que o preço do fracasso será grande:

"Dentro de muito poucos anos, o fracasso na tentativa de equilibrar o impacto gerado pela associação dos piores aspectos da pobreza, do rápido crescimento

populacional, e da degradação ambiental quase certamente será traduzida em divisão social crescente, ruptura econômica, agitação política e gradual retratação da oportunidade que existe atualmente de progresso em direção à democracia e à estabilidade internacional."

No mesmo relatório, o Unicef alerta que "a educação das meninas é provavelmente o melhor investimento que qualquer país em desenvolvimento pode fazer". E prossegue: "a educação da mulher está fortemente associada a melhores condições de saúde e alimentação, e tem provado ser um dos meios mais eficazes para diminuir o ritmo do crescimento populacional" e, com isso, dominar a "espiral PPA" que ameaça o futuro da humanidade.

É por essas e outras que vale a pena ler *Ana Z. Aonde Vai Você?*, de Marina Colasanti, que abre espaço para a libertação da mulher. Ana Z. pertence à mesma turma de Alice (a do País das Maravilhas e da viagem através do espelho), da Emilia (a pequena agitadora do Sítio do Picapau Amarelo), da Raquel (a menina da bolsa amarela de Lygia Bojunga Nunes). Descendo ao

fundo do poço de si mesma, Ana Z. leva Marina e os leitores a minas, pirâmides, miragens e ao mundo interior de cada um de nós. Já se falou muito mal do "mundo interior", que diziam ser um lugar habitado apenas pelas mulheres, pelos sentimentalóides e gente com medo da realidade. Mas, como uma verdadeira fada moderna, Marina garante que o mundo interior é um imaginário ao alcance de quem queira viajar longe e leve, apesar de todas as bagagens. "Sou uma alimentadora da imaginação. Uma acarinhadora da alma. Se o que escrevi não comoveu o leitor, não lhe sugeri nada, se ele precisa perguntar a mim em vez de perguntar ao livro e a si mesmo, então eu errei. Não gosto de dar mensagens. Quando tenho alguma coisa a dizer, prefiro escrever um livro", declara Marina Colasanti.

Com certeza, todas as histórias de Marina falam da mulher tecelã: aquela que tece seu próprio destino, que fabrica sua própria liberdade, que inaugura a cada gesto sua independência de ser humano integral. Ana Z. é um videoclipe da condição feminina, mas também é uma tecelagem. Atravessando o deserto, Ana Z. chega a uma miragem. Mas é uma miragem especial,

feita do ato de fiar nossos desejos com os desejos dos outros. "Aqui as coisas se vêem, mas não são", diz uma mulher. E explica que tudo depende do que se deseja. Mas não adianta desejar sozinha. "Um desejo só não dá. É muito pouco. Se você desejar uma coisa, em segredo, sozinha, e ficar esperando, vai ter que esperar a vida inteira. Mais eu desejo muito ter dois camelos, e se você deseja o estéreo dos meus camelos para adubar sua roseira a fim de que cresça e cubra a parede da sua casa, e se o seu hóspede deseja que você tenha uma casa para estar nela e que tenha a parede recoberta por uma roseira bem adubada para dar mais flores e tornar a casa mais fresca e mais perfumada, permitindo que ele descanse bem de sua longa viagem, então eu terei meus dois camelos, que esterçarão sua roseira, que subirá pelas paredes da casa, que abrigará o hóspede, que dormirá à noite, que sonhará lançando as sementes de um novo desejo, irmão do desejo despontado em algum outro sonho, para serem realizados no dia seguinte junto com outros, e assim por diante". Ana Z. entende esse desejo coletivo.

Trabalhando com professores e crianças, sinto que estou no

caminho certo ao tentar levar às pessoas um instrumento de libertação como a leitura. Na nossa experiência, a implantação de um trabalho de leitura não é uma coisa simples. Trabalhar com gente é mexer com sentimentos e ressentimentos, conceitos e preconceitos etc. Aberta ao diálogo, ao corpo-a-corpo com a palavra, ao boca-a-boca com o sentido da linguagem, experiência/vivência do trabalho direto com o Projeto Barbante (PB) — trabalho que criei — é sempre multifacetada, contraditória, polêmica. E não podia ser diferente: a construção de uma consciência crítica passa pela polissemia, pelas falas e falhas, pelo pisar nos calos, pelos gritos do silêncio, pelas poses e posturas, pelos rostos e máscaras, enfim, pela abertura da linguagem a todos os significados e significantes. A construção do eu (eu leitor, eu pessoa, eu cidadão) passa inevitavelmente pela intermediação do nós (a família, a turma, a vizinhança, a comunidade, a sociedade) e, nesse sentido, não podemos ficar restritos ao discurso único da verdade absoluta.

O objetivo principal do PB é a circulação de idéias, com transparência, com objetividade, com toda a sinceridade possível de quem fala a pessoas amigas e se sente dentro de um clima de compreensão e de crescimento pessoal. É preciso notar aqui que toda essa demarcação de atitudes tem sempre em vista o agente adulto (professor, coordenador, pais e mães de alunos etc).

As crianças têm uma adesão total e irrestrita ao PB. Meta final e prioritária do PB. Meta final e prioritária do PB, as crianças são uma fonte inesgotável de energia para quem trabalha com este projeto.

Lutar contra a pobreza e a desinformação, dar a todos um instrumento de libertação, principalmente às mulheres, pode ser uma missão quase impossível. Mas a gente não pode deixar de tentar.

Solanilda Nascimento Costa

Professora e criadora do Projeto Barbante